

MG: a Ressurreição

Por: Maria Clara Bingemer

De novo o filme de Mel Gibson? Pois é. Parece incrível que se continue comentando emocionada, apaixonada e às vezes exaltadamente este filme hollywoodiano que trouxe Jesus Cristo para o centro das discussões e da opinião pública. Não acreditei em meus olhos quando, em recente debate na PUC-Rio, ao meio dia, a sala apresentou-se cheia, lotada, superlotada de jovens alunos, professores e funcionários ansiosos para debater, perguntar, externar seus sentimentos e opiniões sobre o filme. Para quem como eu, que trabalho há alguns anos organizando eventos na universidade e sei da dificuldade de motivar a Academia e os estudantes em torno de temas religiosos e teológicos, foi uma grata surpresa. Não discutirei mais aqui a leitura gibsoniana sob a Paixão. Isso já foi feito por mim e por outras tantas e tão variadas pessoas. Gostaria de deter-me em um ponto do filme que tem sido questionado por muitos: os escassos dois minutos que o diretor dedica à Ressurreição. Após toda aquela longa agonia, a torturada e dolorosa via sacra, parece que os espectadores esperam que o filme se estenda na apresentação da gloriosa Ressurreição do Messias. E, no entanto, ela é tão curta que quase parece mais um lampejo do que realmente uma tomada cinematográfica.

No uso pouco econômico que faz da imagem e do som, Mel Gibson nos fornece aos sentidos apenas elementos indicativos: o rumor estrondoso da pedra do túmulo que rola, os panos de linho que envolviam o corpo que se movem atravessados por estonteante luz. Finalmente, o rosto iluminado daquele que os homens mataram e Deus constituiu Senhor e Cristo. E seu corpo que se ergue e põe-se a andar, deixando entrever no dorso da mão a marca da chaga já glorificada.

A visão de um horizonte luminoso encerra a cena e o filme. Nada mais? Não. E Mel Gibson, tão "excessivo" nas cenas da Paixão, mostra-se aqui de uma sobriedade contundente. E com isso, parece-me, vai de encontro ao coração do que é a experiência cristã da Ressurreição.

Enquanto os escritos apócrifos abundam em descrições da ressurreição, seu momento, sua forma, os evangelhos canônicos, pelo contrário, não nos descrevem o momento em que o Filho de Deus foi ressuscitado dentre os mortos. Isso permanece um segredo entre o próprio Filho e seu Deus e Pai, segredo guardado por toda a eternidade.

O que os evangelhos nos dão são justamente indícios: a pedra rolada, o túmulo vazio, os panos dobrados. Tudo o mais vai supor a fé das testemunhas que vão reconhecer o Ressuscitado a partir de outros sinais que lhes serão dados: a declaração do anjo às mulheres de que não há que buscar entre os mortos aquele que está vivo; o pronunciar do nome - Maria - por aquele que Maria Madalena pensava ser o jardineiro; o partir do pão diante dos atônitos discípulos de Emaús, que em meio à sua desolação sentiram novamente o coração arder com a explicação que aquele estranho forasteiro lhes dava sobre as Escrituras; a pesca frustrada e vazia que se torna transbordante de peixes a uma simples indicação do jovem que é avistado na praia e que o discípulo amado reconhece como sendo o Senhor.

Passou o momento cruento e doloroso da Paixão. Agora Aquele que morreu e ressuscitou terá que ser re-conhecido pela fé. Terá que ser percebido em suas manifestações aos discípulos e àqueles e àquelas que o amam. E a Ressurreição se fará patente, com sua carga

de extraordinário e de confirmação, pelos efeitos vitais que produz: a esperança que volta ao coração da desesperada e inconsolável Maria Madalena; o calor interior que denuncia a presença do Senhor aos discípulos desanimados; a conversão do incrédulo Tomé; a paz e a alegria como dons perenes que vencem para sempre o medo e a covardia; o dom abundante da vida divina na rede que arrebenta de tanto peixe em meio à escassez dos pobres esforços humanos; e sobretudo o envio em missão, para anunciar a outros tudo o que se passou e como Deus cumpriu suas promessas na encarnação, vida, morte e ressurreição de seu Filho. Mel Gibson, acusado por muitos de não deixar espaço ao simbólico, à imaginação, à experiência pessoal de cada um em sua detalhada e tão explícita descrição da Paixão, não pode ser interpelado por fazer o mesmo com a Ressurreição. No sóbrio e curtíssimo final de seu filme, mostra-nos o suficiente para vermos que tudo não terminou na desoladora crueldade da Cruz. O Senhor Ressuscitado, vivo e a caminho, terá que ser experimentado e percebido por cada um e cada uma nos sinais de vida que realiza a cada dia na história e na vida das pessoas. Por isso, na vigília pascal cantaremos Aleluia! e nos poremos a caminho nós mesmos, a fim de, com doçura e respeito, dar razão da nossa esperança.